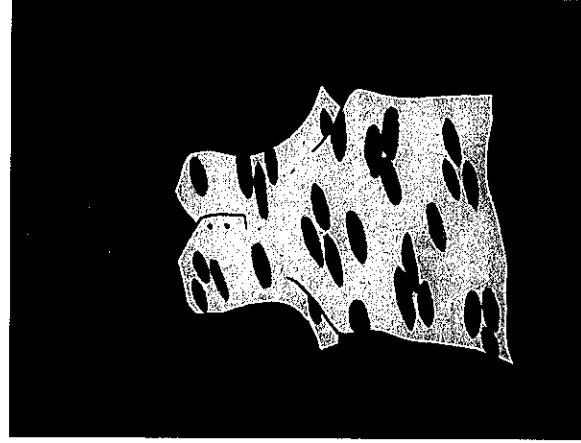


pa da *Playboy*. E, bolas, se elas parecem conseguir estar bem com deus e com o diabo, por que raio não havemos nós de conseguir ter o melhor de todos os mundos?

Não admira, diz Isabel do Carmo, que a cabeça começa a andar à roda, entre o paroxo de cada vez mais oferta de comida apetitosa e o sonho de um corpo absolutamente utópico. E neste andar à roda, que todos sentimos pelo menos uma vez por semana, há os «elos mais fracos», aquelas pessoas que por factores diferentes, dos genéticos aos familiares, são mais frágeis e acabam mesmo por ceder a um qualquer distúrbio do comportamento alimentar, sobretudo à bulimia nervosa, que «obriga» a comer compulsivamente para depois, num gesto de culpa e auto-repugnância, se induzir o vômito ou recorrer a laxantes, numa tentativa de deitar fora o que se permitiu que entrasse. Num sofrimento imenso, que Isabel do Carmo não se cansa de repetir que merece todo o seu respeito, mas que insiste poder ser tratado e até certo ponto curado.

E são cada vez mais os doentes que precisam de ajuda: os casos de bulimia nervosa não param de crescer, e se em Portugal ainda se cifram nos três por mil (embora este dado seja referente apenas à população escolar, sabendo-se, no entanto, que a bulimia começa muitas vezes em idades mais tardias), nos EUA a doença já representa dezoito casos em cada mil habitantes, colocando-se quase a par da diabetes e da hipertensão.

Mas nisto, como em tudo o resto na vida, o melhor mesmo é prevenir, e pedir ajuda a tempo. Com bom senso, que a falta de mata tão depressa como qualquer uma destas doenças; procure mesmo rever a alimentação aí em casa. E pelo caminho foimente a autocrítica dos seus filhos – e a sua! – quanto aos modelos que a moda nos tenta impingir a torto e a direito. «



## ESTUDO

# «Sinto-me feia!»

— O que aconteceu às menos magras e às gordas? A ciência confirma a resposta do senso comum: sim, estão deprimidas, infelizes e cada vez mais gordas.

TEXTO **Célia Rosa**

**B** feia! Durante séculos foi este o adjectivo mais utilizado para descrever uma pessoa com um aspecto ou um rosto pouco atraentes. Tão-só! Uma mulher feia podia ter feições desagradáveis ao olhar mas ser senhora e dona de um corpo formoso. Logo, e à luz dos padrões de beleza vigentes, falava-se de uma mulher graciosa.

Nessa altura gordura ainda era sinónimo de formosura e não passava pela cabeça de ninguém «catalogar» como feia uma mulher de coxas redondas e ancas largas. Mas em pouco tempo tudo mudou e o dogma de que «magreza é beleza» passou a ser a premissa dominante na estética feminina. E é em busca do chamado corpo perfeito, que nos *meêta* anda sempre aliado a rostos de mulheres jovens, activas, magnificelas ou mesmo escanzeladas, e aparentemente felizes, bem sucedidas e melhor acompanhadas, que correm hoje milhões de adolescentes e mulheres no mundo ocidental.

E o que aconteceu às menos magras e às gordas que, num ápice, deixaram de ser formosas e passaram a ser olhadas como «disformes»? A resposta é do senso comum, mas já está confirmada pelas ciências médicas e sociais. Pois é: estão deprimidas, infelizes, excluídas e cada vez mais gordas. Estão feias!

Chocado? É possível. Mas, segundo Joana Novaes, «a gordura é uma das atribuições mais representativas de feitura na cultura actual». Para aquela psicóloga, do Núcleo de Doenças da Beleza do Centro de Investigação e Atendimento Psicológico da Universidade Católica do Rio de Janeiro, «ser feia é hoje uma das mais penosas formas de exclusão social. E ser feia é não ter o corpo e a estética socialmente aceites, ou seja, ser

magra, jovem e saudável», conforme escreve num artigo intitulado *Ser mulher, ser feia, ser excluída*.

No trabalho, que pode ser lido no site [www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt), Joana Novaes aborda as expectativas sociais em torno do princípio do «dever moral de ser bela». Um dever que nasce do olhar e do discurso fiscalizador de que as mulheres sabem ser alvo. O controlo da aparência faz-se na rua, em casa, no consultório médico, no local de trabalho, em toda a parte, e não se fica pela avaliação das características estéticas pois estas «estão investidas de julgamentos morais e significados sociais». Uma mulher gorda tem mais dificuldades em fazer amigos, arranjar namorado, encontrar trabalho, para além de mais probabilidades de adoecer.

É «o difícil peso da gordura a dor da feiura». Assim lhe chama a psicóloga, num capítulo dedicado aos estereótipos que variam, conforme se incluem no grupo dos obesos «benignos» ou «malignos». Do primeiro fazem parte os gordos brincalhões e extrovertidos que parecem querer desculpar-se da inadequação física através da convivência social agradável». São os gordos tolerados. No segundo acabam por cair todos os que aparentemente não se preocupam em agradar e se tornam, por isso, socialmente excluídos.

Uma exclusão que começa logo na infância. Como relembra a autora, enquanto os pais das crianças obesas descreverem os filhos como «gordinhos» ou «gulposos», na escola chamam-lhes «balofos», «hipopótamos» e «baleias». Querirão estas mães «desculpar os filhos»? Talvez. Mas a verdade é que a sociedade está moldada para «discriminar os feios/gordos sem nenhum pudor ou vergonha», conclui Joana Novaes. «